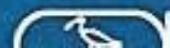
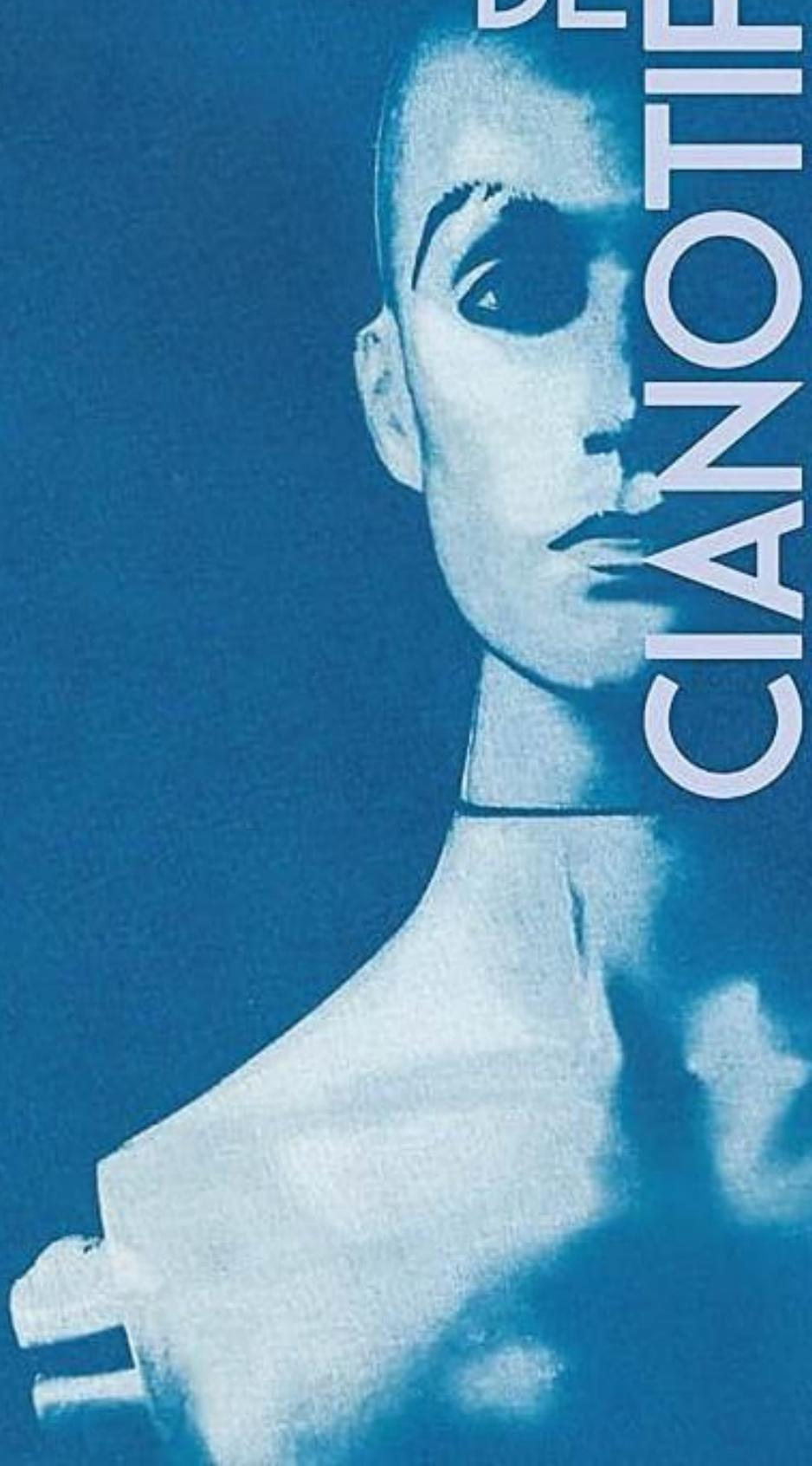


MANUAL DE CIANOTIPIA E PAPEL

DE CIANOTIPIA
SALGADO

FOTOGRAFICÂ



Trabalho realizado por:

Amanda Tescari - RA00209407

Beatriz Brascioli Alves - RA00338472

Enzo Macedo - RA00227378

Helena Aguiar de Campos - RA00338423



UM POUCO SOBRE A CIANOTIPIA

A cianotipia é um processo de revelação fotográfica em tons de azul criada pelo cientista John Herschel em 1842. Esse tipo de revelação ficou popular um ano depois, com o trabalho de Anna Atkins, que lançou o primeiro livro de fotografia da história, foi feito a partir desse processo.

A cianotipia foi bastante utilizada no século XIX e XX e ganhou o nome popular de Blueprint. A impressão pode ser realizada em diferentes superfícies além do papel. Os químicos utilizados para a impressão são sensíveis à luz, por isso marcarão o objeto.

A cianotipia é um processo antigo mas ainda utilizado por artistas atuais, os resultados se encaixam, hoje em dia, como obras de estilo vintage e alternativo. A técnica promete figuras com texturas e nuances únicas. O processo pode parecer acessível e simples, mas é preciso habilidade e experiência para obter impressões com boas resoluções.

LIVRO DE ANNA ATKINS

Anna Atkins foi uma das poucas mulheres cientistas de sua época. A cianotipia a auxiliou em sua pesquisa sobre algas marinhas. As imagens em conjunto com as informações sobre as plantas formaram o livro “British Algae: Cyanotype Impressions”. Após seu trabalho com algas, a cientista fez o mesmo com plantas terrestres.

Anna foi reconhecida por seu trabalho apenas dois séculos após a realização de suas pesquisas e processos de cianotipia. Ela fez a impressão de mais de 10 mil imagens em apenas 10 anos. Atualmente ela é considerada a primeira fotógrafa mulher da história.

Oderwhalke dentata.



Halysma foenicula.



LABORATÓRIUM
FOTOGRAFIA

ORIO
TICO



Officina - Tomo 1





COMO FAZER CIANOTIPIA

PASSO 1

Produzir duas soluções independentes e depois juntá-las em uma só. Primeiro, misturar 25 gramas de citrato férrico amoniaco com 100ml de água. Segundo, 12 gramas de ferrocianeto de potássio com 100ml de água.

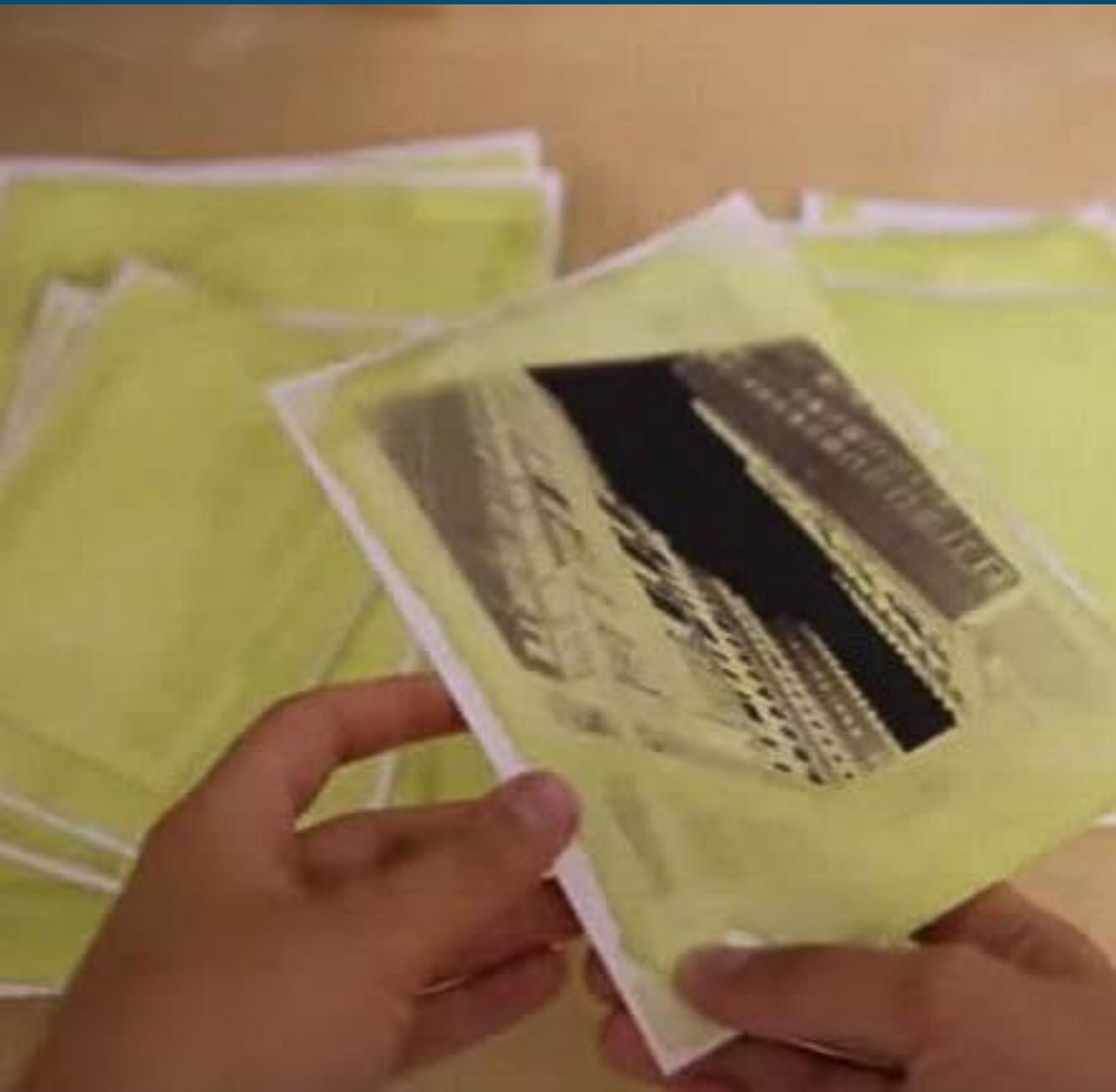
Como as substâncias são sensíveis à luz, é preciso que sejam colocadas em frascos opacos. Por fim, a mesma quantidade de cada uma das amostras (exemplo: 10ml de cada) devem ser bem misturadas em outro recipiente opaco.



PASSO 2

Espalhar a solução com um pincel pela estrutura desejada e deixar secar naturalmente.

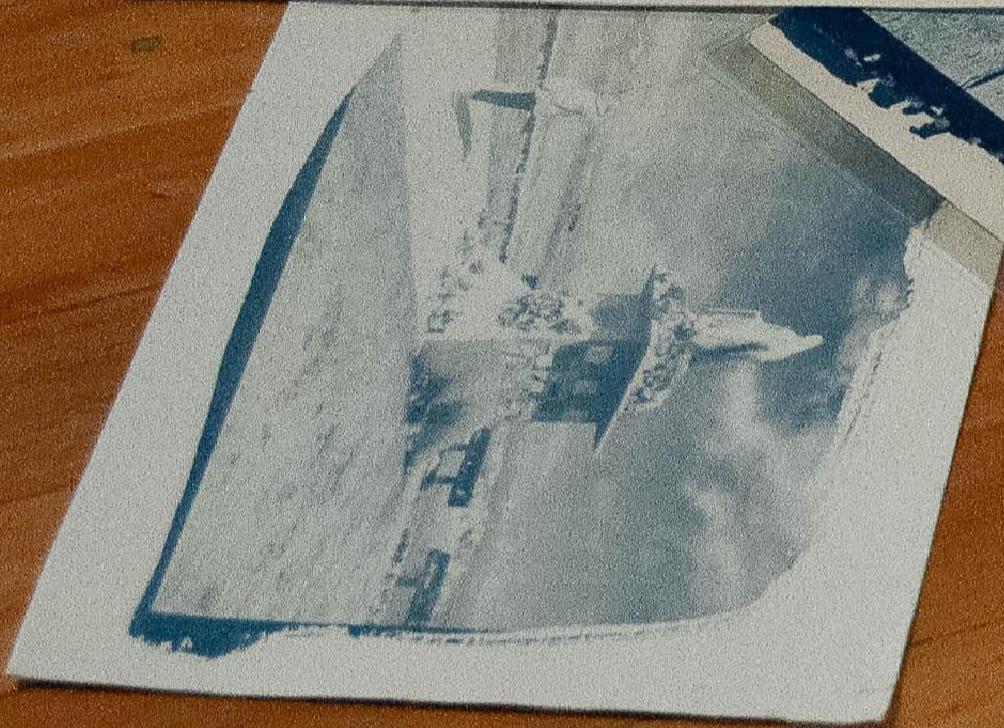
É mais aconselhado e comum, utilizar tecidos ou papel de finta de algodão. Agora, o contato com a luz não é tão prejudicial, porém não deve ser exposto diretamente à luz artificial.



PASSO 3

Depois de seco, o suporte está pronto para a exposição. Coloque um objeto ou um negativo por cima do suporte já sensibilizado com a mistura dos ácidos, posicione um vidro em cima para evitar que este se mova e exiba tudo à luz do sol durante 20 a 30 minutos.

Depois é preciso passar o objeto por água fria. Por fim, é a hora das lavagens para retirar toda a solução não sensibilizada. Deixe o objeto durante 5 minutos em uma bacia com água. Repita esse processo mais duas vezes e deixe secar sem contato com a luz.





ENTREVISTA COM
ELIZABETH LEE,
FOTÓGRAFA E PROFESSORA
ESPECIALISTA EM CIANOTIPIA.





BL = BETH LEE

EB = ENZO

EB: Como é feito o processo da cianotipia? O que te levou a fazer a cianotipia? E quais são os processos que você faz?

BL: A cianotipia é feita a partir de dois reagentes, que são sais de ferro sensíveis à luz. Os sais sensíveis são pouco sensíveis, a gente fala que o processo da cianotipia é um dos mais lentos. O primeiro é o citrato férrico amoniacoal e o segundo é o ferricianeto de potássio, juntos se potencializam, um deles forma a cor e o outro é mais sensível à luz.

O que quer dizer que assim: Se eu tiver só o citrato férrico, passar no papel e expor na luz, ele funciona. Sem o ferricianeto. Se eu pegar só o ferricianeto e fazer a mesma coisa, de passar no papel e colocar na luz, ele também funciona, mas os dois funcionam muito mais lentos, por isso que a gente junta os dois. Você tem um material mais rápido, digo rápido não em questão de minutos, como eu disse o cianotipia é um processo meio lento, de todos os processos ele é o mais lento quimicamente porque quando a gente começa a trabalhar com prata, ele é muito mais rápido. Todos os processos a base de sais de prata, ouro são muito mais rápidos e a cianotipia, por se trabalhar justamente com esses sais de ferro, ela é uma técnica que dá esse tom azul, e só da azul mesmo tá bom?



A gente tem as alterações que modificam essa cor, mas a verdade é que ele é só azul.

O processo tem algumas etapas mas não é nada absurdamente complexo. Basicamente o processo é a mistura em água.

EB: E qual você acha que é a maior versatilidade da cianotipia? A partir do momento que você faz, para quais áreas ou lugares você consegue usar ela?

BL: Originalmente ela é feita para papel, o John Herschel quando estuda materiais que reagem com a luz, ele não está trabalhando só com os sais de ferro mas sim com plantas e outros materiais. Em geral ele é mais usado em papel e cópias, hoje em dia tem mais gente que usa para outros materiais como em tecido e cerâmica mas nesse caso acho que tem processos melhores para se trabalhar, porque a cianotipia não é o processo mais fácil de fazer em suportes mais lisos ou até mesmo porosos - não é feito para isso.

Por exemplo, se você for fazer em uma cerâmica, você não pode queimar a cerâmica depois pois vai se deteriorar, você deve fazer depois que a cerâmica estiver pronta.

Tem gente que faz em tecido mesmo, em papel e atualmente tem gente que acaba fazendo em vidro. Para fazer em vidro é uma técnica mais trabalhosa e de mais custo, são muitas etapas e precisa de muito material.

Por isso que no tecido e no papel acaba sendo mais fácil justamente pelo tipo de suporte, lavagem. Mais rápido mesmo.



EB: E você teve alguma inspiração para começar a fazer cianotipia?

BL: Eu fiz graduação no SENAC na época que era na Lapa e o professor desses processos alternativos era Kenji Ota. Ele era, sempre foi na verdade, referência ali dentro da faculdade. Acho que na primeira vez em que vi o processo foi justamente os trabalhos de alunos que eram meus veteranos, eu olhei e falei: quero fazer isso!

Antes quando comecei a estudar fotografia, eu cheguei a pesquisar e achei alguma coisa sobre cianótipo, só que naquela época quem sabia fazer não falava muito como fazia. Não deram muita atenção, eram estudantes, queriam saber mas não queriam explicar - o acesso era muito mais difícil, esses processos eram todos em inglês praticamente não conseguia achar referência em português.

EB: Como funcionam suas aulas?

BL: No laboratório acaba sendo bem fácil porque já tem a estrutura, porque não é só produzir o químico. Quando você trabalha em casa, precisa adaptar seu espaço para conseguir trabalhar com esses reagentes, porque são materiais que são sensíveis à luz, você tem que cobrir todo esse lugar para garantir que ele não vai sofrer alterações. Tem que ter um espaço com pia que possa mexer com os materiais químicos, não pode ser a pia da cozinha. É um material reagente e sensível, ele pode manchar tudo, ele pode contaminar tudo.



BL: No laboratório a gente tem toda uma estrutura para isso, pias, espaço todo fechado, caixa de luz, mesa de luz uv, espaço para secagem e bandejas. As bandejas são próprias para processos alternativos, não usamos as mesmas das fotos preto e branco, principalmente para não haver essa contaminação, são químicos diferentes, e o ferrocianeto é um rebaixador da prata. Portanto, as aulas no Sesc Pompeia acabam sendo mais fáceis porque já tem toda a estrutura. Mas quando eu dou cursos em outros espaços que não tem um laboratório, tenho que me adaptar ao que tem, tem que tomar certos cuidados.

E como eu dou aula? Quase como eu aprendi, com a minha própria experiência e as bibliografias que eu acabei lendo sobre controle de químicos. Você deve garantir que as pessoas que estão participando estão usando luva e avental para proteger a roupa mas também, outras coisas e o próprio processo. Tem pessoas que ficam resistentes ao usar luva no laboratório mas ela não é só para protegê-los, ela serve para proteger o que você está fazendo, você vai alterar quimicamente aquele material. Se vai alterar quimicamente, qualquer sujeira que cair ali, vai ficar na fotografia e aí isso acabou até acontecendo em uma turma.

Um rapaz chegou falando “ah, fiz essa foto aqui e ficou cheio de manchas”, aí eu falei “olha só que engraçado, está aparecendo bem o seu dedo”, agora ele tá sempre de luva.

Apesar de ser um processo fotográfico, a gente acaba pesquisando muito sobre as matérias que vão estar relacionadas a isso, como um papel suporte. A gente utiliza um papel bem específico, esse papel precisa de uma lavagem, uma preparação. São vários tipos de papel que a gente pode adaptar, mas não quer dizer que a gente tem um tipo específico só pra isso. No Brasil é mais difícil encontrar esse papel de fotografia, mas existem papéis para um processo alternativo e eles normalmente são neutros e de algodão, bons para o processo.

